

GUERREIRO RAMOS: A ADMINISTRAÇÃO, O CARÁTER NACIONAL E A SOCIOLOGIA DA AÇÃO

FRANCISCO FONSECA

(FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS – FGV/EAESP; PONTIFÍCIA
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC/SP)

Refletir sobre a ampla e profunda obra de Guerreiro Ramos não é tarefa simples, tal a complexidade de fenômenos por ele analisados, os autores retratados e as escolas teóricas mobilizadas. A tarefa se torna ainda mais árdua quando a reflexão se faz em poucas páginas, e ao recortar temas por ele analisados que, enfatize-se, são amplos e conectados.

Dada a grandiosidade da tarefa proposta, este pequeno ensaio pretende analisar alguns elementos presentes em sua obra inovadora, notadamente a reflexão sobre a Administração como campo organizacional, a importância da autonomia nacional e o papel da sociologia – articulada à Administração – como disciplina/ação transformadora. Por trás dessas categorias está claramente a questão do poder.

Nesse sentido, o truísmo “administrar é poder” há muito tem sido objeto de perspectivas teóricas distintas. Guerreiro Ramos, em sua reflexão simultaneamente filosófica (notadamente a partir da fenomenologia) e sociológica, analisou, entre muitos outros aspectos, ao longo de sua seminal obra, os processos de naturalização de crenças e condutas (possibilitadas pela Administração) que, por seu turno, domesticariam indivíduos, uma vez de dúcteis e adaptáveis às organizações modeladoras de pessoas e grupos sociais. Em outras palavras, analisou o poder das formações organizacionais.

Nosso autor refletiu sobre as dinâmicas organizacionais constitutivas (e suas consequências) referidas sobretudo ao “mercado”, mas também a outras formas organizacionais modeladoras dos indivíduos, como a burocracia do Estado.

Os conceitos de “homem parentético” (espécie de escape da opressão normatizadora) e “redução sociológica” (capacidade interpretativa autônoma, nacional, de realidades específicas com vistas à ação transformadora) são categorias, entre outras, aqui resumidas de forma simplificada, desenvolvidas por Guerreiro Ramos com o objetivo de demonstrar que sobretudo o cientista social poderia apontar caminhos analíticos que superassem a aparência das realidades, descortinando camadas mais espessas do poder organizacional. Mas, embora as ciências sociais tenham lugar privilegiado em sua obra, em razão da capacidade analítica e da função social que opera, os indivíduos também poderiam trilhar pelo caminho da “liberdade” e da superação da “opressão”. Afinal, Guerreiro Ramos aspira a “um mundo no qual a organização não transcende o homem. Mas o homem transcende a organização” (Ramos, 2016 [1963], p. 239). Há elementos humanistas e mesmo normativos em sua obra, que, por seu turno, se combinam com sua “sociologia da ação”, cujos impactos potenciais se dariam nas ações sociais e na Administração Pública: essa última – podemos afirmar – essencialmente compreendida como Administração “política”, mesmo que não nomeada dessa forma, em razão de seus pressupostos e desígnios.

Ainda de acordo com o nosso autor:

A redução sociológica é um método destinado a habilitar o estudioso a praticar a transposição de conhecimentos e de experiências de uma perspectiva para outra. O que a inspira é a consciência sistemática de que existe uma perspectiva brasileira. Toda cultura nacional é uma perspectiva particular. Eis porque a redução sociológica é, apenas, modalidade restrita de atitude geral que deve ser assumida por qualquer cultura em processo de fundação (Ramos, 1996 [1958], p. 42).

Como se observa, para Guerreiro Ramos a fundação e consolidação da cultura nacional brasileira – que pode ser traduzida em “soberania nacional” em vários sentidos – como perspectiva autônoma quanto a outras culturas deveria ser objetivo supremo da nação, o que denota espécie de

“nacionalismo sociológico”, e, assim, pode-se afirmar, com potenciais consequências empíricas à sociedade brasileira.

Contudo, deve-se apontar – como contraponto – que as próprias ciências sociais, entre as quais a Administração como “ciência social aplicada”, muitas vezes reproduziram e reproduzem estruturas de poder existentes, mantendo o *mainstream* conceitual e ideológico da dominação. Ainda assim, é importante ressaltar que a perspectiva guerreiriana é vigorosamente voltada à transformação nacional e social.

Segundo Filgueiras (2012), ao analisar a vida e a obra de Guerreiro Ramos, haveria grande conexão entre sua forma de pensar e sua trajetória (notadamente anterior à sua mudança para os Estados Unidos da América – EUA):

O tema da administração pública e das organizações do Estado deveria romper com os projetos de modernização desenvolvidos pela cultura ocidental e buscar uma rota própria de constituição das instituições políticas e burocráticas. Guerreiro Ramos foi um dos responsáveis por introduzir a sociologia de Weber no Brasil, quando de sua atuação no Departamento de Administração do Serviço Público (DASP). Como funcionário do DASP e, mais tarde, assessor de Getúlio Vargas, Guerreiro Ramos se dedicou a diferentes pesquisas empíricas e à introdução e discussão de diferentes matrizes teóricas da sociologia das organizações. Para ele, a organização do serviço público deveria ter uma base científica, voltada para temas práticos, tais como a mortalidade infantil, o orçamento familiar, o processo de industrialização e urbanização, as transformações nos padrões de consumo da sociedade. Esses temas, aos quais Guerreiro se dedicou, quando funcionário do DASP, firmaram o pressuposto de que, para ele, o conhecimento sociológico é, antes de qualquer coisa, um conhecimento prático, voltado para os problemas sociais contemporâneos. O que essa sociologia engajada jamais poderia perder, segundo ele, é o caráter de promoção existencial da autonomia da vida social. Como intelectual, Guerreiro Ramos procurou constituir essa sociologia prática, mas seu trabalho foi realizado de forma quase isolada, sem um contexto institucionalizado que lhe desse apoio e sustentação. A exceção é o período em que ele atuou no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e depois quando ajudou a fundar a Esco-

la Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas (FGV) (Schwartzman, 1983 apud Filgueiras, 2012, p. 349).

Como se observa, a trajetória profissional de Guerreiro Ramos no aparelho do Estado brasileiro se funde (tendo-lhe inspirado) em sua luta por uma “sociologia da ação social e nacional” (sem cair em qualquer forma de nacionalismo vulgar). Trata-se de um pensador que, paralelamente às muitas influências intelectuais que teve, sobretudo na filosofia e na sociologia, soube extrair das mesmas alguns dos elementos para seu olhar específico sobre a sociedade brasileira, cujas características são a ampla e complexa variedade sócio/cultural.

Contudo, em termos históricos, isto é, desde a consolidação da hegemonia neoliberal a partir dos anos 1980, observa-se ambiente internacional oposto – enquanto conformação social, econômica e política – aos postulados de nosso autor. Trata-se daquilo que tem sido chamado de “governos empresariais” (Dardot; Laval, 2016). Nesse sentido, o Brasil experimentou, com Collor e Fernando Henrique Cardoso (FHC), com breve interregno nos governos petistas, chegando ao ápice com Temer/Bolsonaro após o golpe de 2016, verdadeiro desmonte da soberania nacional e do Estado de Bem-Estar Social. Mais ainda, a quebra da ordem constitucional, com a deposição do presidente Dilma (golpe de Estado), o país – como sociedade e como Estado – assiste ao desmonte do Estado de Direito Democrático.

Nesse diapasão, temas, dentre outros, como “meritocracia”, “empreendedorismo”, “gestão como técnica” e a predominância de elementos basilares da Administração de Empresas no interior da vida pública, sobretudo a partir da introdução da chamada Administração Pública “gerencial” (*New Public Management*), têm demonstrado o papel das ciências sociais e da administração – sem contar a economia, apenas para citar alguns exemplos – como reprodutoras das desigualdades sociais profundas que marcam a sociedade brasileira, reiterando-se. Portanto, os campos de conhecimento e os movimentos históricos podem tanto transformar a realidade como contribuir decisivamente para sua manutenção. Em Guerreiro Ramos deveriam estar sempre a serviço do desenvolvimento, em sentido *lato*, da sociedade brasileira como nação.

Nesse sentido, dada a grandeza e profundidade da obra de Guerreiro Ramos que, além do mais, é marcada pela erudição e pela interdisciplinaridade, é possível se reapropriar de suas ideias e de alguns de seus conceitos como forma não apenas de tornar suas proposições contemporâneas – casos do “homem parentético” e da “redução sociológica” – como sobretudo demonstrar como seus conceitos podem nos ajudar na árdua tarefa de realizar a “imaginação sociológica”.

A crítica ao modelo organizacional ancorado no “mercado” como matriz sistêmica e estruturante de organização da vida, analisado em profundidade em *A nova ciência da organização* por Guerreiro Ramos (1989 [1981]), é de enorme valia no mundo contemporâneo, desde que devidamente atualizado à luz da “nova razão do mundo” advinda do neoliberalismo (Dardot; Laval, 2016), por exemplo. Afinal, o “mercado” como *locus* da vida e como forma organizativa assumiu papel absolutamente preponderante sobre outras formas organizacionais, “mercantilizando” todas as relações sociais e humanas, levando ao paroxismo que Guerreiro Ramos analisou naquele seu livro.

Embora, como afirmado acima, os eventos históricos estruturados em torno do neoliberalismo se oponham ao ideário nacional e autônomo de Guerreiro Ramos – notadamente a corrosão da identidade e da soberania nacionais, e a adesão do país às esferas e fluxos ideologicamente tidos como pertencentes à “globalização”, entre outros –, seu diagnóstico acerca do “caráter nacional” é ponto de partida para a reflexão contemporânea. Essa importância ganha contornos dramáticos, reitere-se, a partir do golpe parlamentar/judiciário/ midiático/plutocrata desferido em 2016 (Estado de Exceção), chegando até à necropolítica e ao “protofascismo neoliberal” de Bolsonaro a partir de 2018. Portanto, para compreender a virada antinacional, neoliberal, plutocrata e, agora, profascista, no país, a obra de Guerreiro Ramos é insumo crucial com vistas à ação transformadora.

Quanto às recentes obras traduzidas de nosso autor, e publicadas com exclusividade neste volume especial da Revista Brasileira de Administração Política (REBAP), apontam o papel da fenomenologia na obra de Guerreiro Ramos, assim como seu trânsito pela filosofia e pela sociologia, com inúmeras influências de que se nutriu, mas com a particularidade de retrabalhá-las com vistas a criar sua própria sociologia e, mais ainda, sua própria maneira – que fez escola – de interpretar o Brasil.

Nesse momento de extrema degradação da vida política nacional, profundamente desorganizada pelo protofascismo que se encontra no poder, sustentado por elites clepto/plutocráticas e por ampla e altamente profissionalizada máquina de desinformação e de reação conservadora e neoliberal, reler e atualizar a obra de Guerreiro Ramos – reiterar-se, pois fundamental – é tarefa primordial à compreensão e reconstrução da sociedade e do Estado brasileiros como nação!

Referências

- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo – Ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo, Boitempo, 2016.
- FILGUEIRAS, Fernando B. Guerreiro Ramos, a redução sociológica e o imaginário pós-colonial. *Caderno CRH*, Salvador, v. 25, n. 65, mai./ago. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010349792012000200011&lng=pt&tlng=pt
- FONSECA, Francisco. *O consenso forjado – a grande imprensa e a formação da agenda ultraliberal no Brasil*. São Paulo, Hucitec, 2005.
- RAMOS, Alberto G. *A nova ciência da administração – uma reconceituação da Riqueza das Nações*. 2.^a ed. Rio de Janeiro, FGV, 1989.
- RAMOS, Alberto G. *A redução sociológica*. 3.^a ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996.
- RAMOS, Alberto G. *Mito e verdade da revolução brasileira*. 2.^a ed. Florianópolis: Editora Insular, 2016.